

PALAVRA-CHAVE RUMO À NOSSA EVOLUÇÃO

POR **ALEX CARDOSO DE MELO**
ILUSTRAÇÃO **EDUARDO MEDEIROS**

A evolução, em todos os seus aspectos, passa pela confiança no ser humano, uma das forças motrizes que movimentou grandes personalidades em suas árduas lutas por um mundo mais justo e fraterno. Invoco essas pessoas no trabalho voluntário que realizo à frente da ONG Meu sonho não tem fim e as chamo de “grandes sonhadoras”. Gente como Martin Luther King, Mahatma Gandhi, Betinho, Zilda Arns, Dom Hélder Câmara, dentre outros, que acreditavam no ser humano e na construção de uma nova sociedade.

Dois grandes exemplos desta confiança plena no ser humano foram materializados nos legados de Madre Teresa e Albert Schweitzer, que trabalharam com populações extremamente carentes, esquecidas e abandonadas à própria sorte, os “mais pobres entre os mais pobres”. Mesmo diante da assombrosa realidade que encontraram, construíram importantes obras sociais, partindo da Índia e do Gabão, respectivamente, e espalhando-as por todo o mundo.

Madre Teresa, Prêmio Nobel da Paz em 1979, viveu em um universo de pobreza e descaso com o semelhante no início do século passado em Calcutá. Certa vez, dedicando-se pessoalmente a uma mulher em terrível quadro de abandono, fez tudo o que estava ao seu alcance para auxiliar aquela moribunda, que, com um sorriso em seu rosto, segurou a mão de Madre Teresa e disse apenas “Obrigada!”, e então morreu. Ela confiou a Madre Teresa muito mais do que podia imaginar em uma situação como

aquela. Em outra ocasião, a religiosa resgatou um homem que foi pego no esgoto. Depois de ser socorrido, ele disse apenas: “Tenho vivido na rua como um animal, mas vou morrer como um anjo, amando e recebendo atenção. Irmã, hoje eu volto a ter confiança no ser humano, vou para casa para estar com Deus”, e morreu. Para Madre Teresa, este era o seu maior tesouro: poder conviver com a grandeza de pessoas tão sofridas. Este foi o combustível que fez com que ela confiasse sempre no ser humano e na sua capacidade de amar e ser amado, apesar dos enormes obstáculos que enfrentou em sua caminhada.

Já o franco-alemão Albert Schweitzer, Prêmio Nobel da Paz em 1952, era um importante intelectual na Europa quando decidiu estudar medicina e dedicar sua vida a ajudar pessoas na África. Nesta experiência, ele ressaltava sua confiança no ser humano e destacava que tanto o voluntariado quanto o auxílio aos necessitados deviam ser encarados como um “segundo emprego”, pois, ao sermos úteis aos outros, encontramos a fonte de paz verdadeira e a satisfação ao longo da vida sem precisar negligenciar os deveres ou fazer coisas espetaculares. Para Schweitzer, nosso maior erro como indivíduos é seguir pela vida com os olhos fechados às nossas chances de auxiliar quem necessita, pois, para onde quer que vire seu rosto, o homem encontra alguém que precisa dele. No entanto, relutamos em nos aproximar de um estranho, muitas vezes não temos a confiança necessária para estender a mão a alguém, e o receio de ser rejeitado é motivo de grande parte da frieza do mundo; parecemos indiferentes quando, na verdade, em geral, estamos apenas tímidos e desconfiados. Porém, se ousarmos com sabedoria, mantendo certa reserva ao nos aproximar, descobrimos nossa capacidade de construir pontes rumo à evolução.



Vivenciei isso de perto no já distante ano de 1986. Lembro-me como se fosse hoje, eu tinha 15 anos e caminhava pela Rua Direita, no Centro de São Paulo, quando deparei com aquela imagem que, a partir daquele dia, mudaria minha vida, assim como a forma como eu encararia os problemas e as dores e tristezas do meu semelhante. Sentada em um pequeno caixote de madeira, uma delicada senhora com mais de 80 anos, frágil, distante, com um olhar muito triste, pedia esmolas. Enquanto observava aquele ser indefeso, via à minha volta as pessoas passarem rapidamente como se nada acontecesse e aquela situação fosse algo corriqueiro. Perguntava-me o que uma senhora como aquela fazia ali, na fase final de sua vida, quando deveria estar descansando, tendo boa alimentação, cuidados médicos e um lar decente. No entanto, pedia esmolas para sobreviver por mais um dia. A cada questionamento, a dor em meu peito aumentava, uma dor silenciosa, de me sentir tão pequeno ao lembrar-me das vezes que reclamei de uma camisa que não estava passada, de um ônibus perdido... Aquela pequena senhora não poderia imaginar o quanto mudaria minha vida e seria importante para o surgimento do meu sonho. No entanto, se a confiança em um mundo melhor foi motivo para eu criar e me dedicar à ONG Meu sonho não tem fim, a desconfiança é hoje o seu maior obstáculo. Muitas vezes, sou questionado sobre “o que ganho com esta minha atitude”, ainda mais quando falo que a organização é totalmente independente – laica e apolítica –, sem vínculos financeiros ou comerciais e que não aceita doações de nenhuma espécie.

Vivemos em um mundo conturbado, no qual as pessoas cada vez mais se isolam, importando-se mais com

o “ter” do que com o “ser”. Se, por um lado, evoluímos rapidamente em campos como a ciência e a tecnologia, os passos são muito curtos em nossa evolução como indivíduos. Em certos aspectos, parece que estacionamos em algum momento após o boom nas redes sociais. Precisamos voltar a dar atenção ao mundo off-line e interagir para a construção de uma nova era, na qual exista a confiança de que a diferença entre o que fazemos e aquilo que somos capazes de fazer é o suficiente para solucionar a maioria dos problemas do mundo. Eu nunca vou até as pessoas para pedir alguma coisa; ao contrário, levo algo – gratuitamente – que é importante ser compartilhado, pois acredito que é melhor acender uma vela do que continuar amaldiçoando a escuridão. Tenho confiança na humanidade e em que temos a possibilidade de mudar a nossa triste realidade, primeiramente mudando a nós mesmos, confiando mais, tolerando mais, respeitando mais, amando mais... Ninguém é tão pobre que nada tenha a oferecer, nem tão rico que nada tenha a receber. Nesta caminhada de 30 anos com o voluntariado, descobri que desconfiamos em demasia, reclamamos de nossas vidas e nos esquecemos de que, infelizmente, existem muitas pessoas no mundo com problemas imensamente maiores do que os nossos – como o abandono, a infelicidade e a doença – e de que, além de todos estes dramas, muitos deles têm a pobreza extrema como companheira inseparável. São pessoas que, quando se levantam pela manhã, não sabem de onde virá e quando virá a próxima refeição.

Creio que a nossa missão deva ser essa: devolver a confiança um no outro para a construção de um mundo melhor para todos nós.☺

ALEX CARDOSO DE MELO ATUA VOLUNTARIAMENTE, DESDE 1997, À FRENTE DA ONG MEU SONHO NÃO TEM FIM, CUJO TRABALHO É CONSCIENTIZAR E MOTIVAR ESCOLAS, UNIVERSIDADES, LÍDERES COMUNITÁRIOS E OUTRAS INSTITUIÇÕES A AGIR EM BENEFÍCIO DOS NECESSITADOS, COMO PILARES DE TRANSFORMAÇÃO